

DonaMemoria.com, sem acento ou A Tonicidade das Lembranças.

**Mariana Pinto Vieira Vellinho*

Resumo

O que constrói nossa verdadeira identidade artística? O instrumento do ator é seu corpo, este aglomerado de ossos, músculos, tecidos, membranas, cicatrizes e recordações. Imprimimos em nossos corpos (de maneiras diversas) as imagens que retemos daquilo que já fomos, que já vivenciamos, que de alguma maneira permitimos que nos ‘atravessasse’. Jorge Larrosa, em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” diz que a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio.

E é exatamente a Memória que impulsionará este breve estudo.

Qual o papel (importância) da memória (leia-se também subjetividade) para a construção do processo criativo do ator? Qual o espaço destinado à memória na metodologia do ensino de teatro no âmbito escolar? Tecnologia: avanços ou retrocessos? Para refletir sobre estas e outras questões que julgo oportunas, utilizarei como ‘cenário’ a experiência “Memórias”, trabalho realizado com os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida, em Gravataí/RS, onde sou professora de teatro.

Palavras-chave: memória - autobiografia - experiência - processo criativo do ator - ferramentas metodológicas do professor de teatro na escola.

Para não esquecer de lembrar... ou Sinta-se em casa em sua caixa!

Essa história começa no circo, sem palhaçada. Numa noite de inverno, estávamos ministrando a Oficina de Teatro para Adolescentes, no Teatro Circo Girassol¹. Essas aulas aconteciam regularmente às segundas e quartas-feiras a noite, tendo três horas de duração, no decorrer de um ano de trabalho. O professor em questão era o Tuta Camargo (ator, palhaço e professor) do Grupo, com minha monitoria.

Eu lembro bem: O Tuta chegou na sala de aula, contando sobre uma peça de teatro que tinha visto, onde uma atriz carregava uma caixa de sapatos e ali dentro suas memórias. Ela, a atriz, perguntava à plateia o que levariam, de suas vidas, se fosse possível, numa caixa de sapatos.

No processo de elaboração das aulas, estávamos à procura de um tema para a construção de uma pequena mostra, dos trabalhos de teatro e circo realizados com os alunos.

Naquela mesma noite, os alunos e os professores travaram um encontro inesquecível: todos foram ao centro do tatame, um enorme ‘chão azul’ onde fazíamos nossos habituais jogos teatrais e improvisações e ‘abriram suas caixas’.

Uma ação cênica aparentemente simples: entrar em cena, abrir a sua caixa de lembranças aos colegas (que assumiam agora o papel dos espectadores) e comunicar-se com essa plateia.

Os alunos tinham em média doze anos de idade. Cada um, espontaneamente, pegou sua caixa de madeira (aquelas caixas que vendem frutas e verduras nas feiras e que estavam ali dispostas, compondo o ‘cenário’ dos exercícios teatrais) e criou, individualmente e sem qualquer ensaio, a sua cena.

Um ‘mergulho’ para dentro de si, um ‘retorno desesperado’ à infância (que ‘é logo ali’), a lembrança dos que partiram sem avisar e a carência da ‘identidade perdida no tempo’ marcaram as improvisações e construíram elos de ligação entre as histórias dos alunos e a dos professores, que também participaram ativamente da aula proposta.

Como professora de teatro daqueles meninos e meninas (‘espoletas’, tímidos, carinhosos e ‘rebeldes’) senti orgulho e alegria pela coragem de exporem, de maneira doce e verdadeira, a saudade, as frustrações, o amor, as dores, as incertezas... A vida!

Como Mariana, lembrei-me de mim em mim e em tantos que vi... Chorei.

Foi então que tive um click, ‘uma luzinha’ acendeu-se e pensei: vou fazer algo semelhante com meus alunos lá na Escola de Gravataí.

‘Dona Memória’ entra na sala de aula!

Estamos agora então, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida, onde sou professora de teatro. A estrutura metodológica das aulas que ministro está diretamente relacionada ao perfil e a demanda de cada turma, já que atendo três turmas do oitavo ano e três do nono ano (que por sua vez estão terminando o ensino fundamental).

As aulas são construídas tendo como foco principal o ensino do teatro, a descoberta da poesia e a reciclagem de materiais (trabalhos feitos com sucata).

Já havia algum tempo que eu estava ‘preocupada’ com os alunos. Percebia naqueles jovens uma certa insatisfação com suas vidas, vidrados em seus ultramodernos celulares, ipads, ipods, fones de ouvido e assemeelhados.

Penso que a tecnologia é como uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que tem o poder de ‘aproximar’ as pessoas, de permitir a conexão com ‘o mundo’, de ser facilitadora do acesso à informação e ao ‘novo’, também pode ser detentora do processo de alienação, estagnação e de solidão do indivíduo.

Larrosa incita:

“A informação não é experiência: E mais: a informação não deixa lugar para a experiência: ela é quase o contrário da experiência: quase uma antiexperiência: Por isso a ênfase contemporânea na informação: em estar informados: e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes

¹ O Teatro Circo Girassol é um dos grupos de teatro e circo mais antigo de Porto Alegre/RS. Atualmente localiza-se no Bairro Bom Jesus, com intensas atividades culturais sob as ‘lonas do galpão’, construído para sediar o grupo, que tem com o fundador e diretor Dilmar Messias. Entre ensaios, aulas de dança, música, malabares ou tecido, o destaque está na ocorrência permanente de Oficinas de Teatro e Circo para a comunidade do entorno.

e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber ‘mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”’, o que consegue é que nada lhe aconteça.” (LARROSA, 2002, p.²¹⁻²²)

O incômodo com aqueles aparelhinhos apitando toda hora em sala de aula, proporcionando a desconcentração dos alunos (e minha também), impedindo o fluxo da imaginação e da criatividade para as atividades artísticas propostas, fez com que eu detectasse que as turmas careciam de algum tipo de ‘trabalho especial’, algo novo que lhes chamasse a atenção, que despertasse a sensibilidade adormecida (ofuscada também pelo uso abusivo dos aparelhos tecnológicos) e que, de alguma maneira, pudesse dialogar com a realidade dos seus cotidianos afora os muros da escola.

O trabalho “Memórias” caiu então como uma luva e foi ‘vestido’ pelas turmas de maneira sensível e apaixonante, despertando os alunos para vivenciarem uma experiência única: a possibilidade de reconhecer (e aceitar) suas vidas dentro de uma caixa de papelão e de se emocionarem com suas próprias histórias. Sobre a experiência, ressalvo as palavras de Jorge Larrosa:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (LARROSA, 2002, p.²⁴)

Quais seriam então, as ferramentas metodológicas que poderiam me auxiliar no processo de sensibilização dos alunos?

Mãos à obra e imaginação solta: a ideia toma corpo e voz

O trabalho foi dividido em três principais etapas: a primeira estava ligada diretamente às memórias e lembranças dos alunos, tendo como foco a infância, a segunda etapa diz respeito à criação e confecção criativa/artística da caixa de sapatos (caixa das memórias vivas) e a terceira etapa relaciona-se com a revelação das caixas, ou seja, a criação de uma exposição artística aberta ao público.

Primeiramente foi lançada, às turmas, a questão principal que norteou o desenvolvimento de todo o trabalho.

O que você guardaria em sua caixa de sapatos?

Com esta pergunta em mente, a proposta foi construir uma lista com dez itens, que poderiam ser lembranças materiais ou imateriais. Como ser possível selecionar, escolher, priorizar dez coisas que simbolizassem uma vida inteira? Porque ‘sempre lembrar’ o que se gostaria de esquecer?

No decorrer das aulas, conversamos sobre a concretude das lembranças e também sobre a possibilidade de materializarmos, através de desenhos, criação de objetos de sucata ou escritos, as memórias imateriais. Como guardar o cheiro do cabelo da mãe? Como levar, em sua caixa, o aroma do bolo de cenoura que a avó fazia nas tardes de domingo? Como transcrever a exatidão do sentimento ao ver o pai (até então desconhecido) pela primeira vez? Como reter o ‘sabor’ do beijo do primeiro amor?

Com a lista pronta, passamos então a ‘reviver’ a infância. Os alunos teriam que desenhar, ilustrar, a memória mais antiga que pudessem lembrar... Poderia ser algo marcante e feliz como a comemoração de um aniversário, como também alguma coisa triste ou inesperada, como assistir a um atropelamento. O que estava em questão era: qual é a lembrança mais remota que tenho de mim mesmo?

Desenhos prontos, embarcamos no universo poético de Mário Quintana, mais precisamente na interpretação do poema “Recordo Ainda...”, onde o poeta nas últimas linhas, ‘suplica’:

“... embora idade e senso eu aparente, não vos iluda o velho que aqui vai: eu quero os meus brinquedos novamente! Sou um pobre menino, acreditai, que envelheceu um dia de repente...”

Abordamos o poema de maneiras diversas: conversas sobre os temas que o poeta aponta e que dialogavam com nosso trabalho “Memórias”; as diferentes interpretações e imagens que suscitaram nos alunos na primeira leitura; desenhos sobre o fragmento que mais chamou a atenção dos mesmos, e até uma paródia em dupla, tendo como ‘norte’ as palavras iniciais de cada estrofe da poesia de Quintana.

Outra ‘fonte de inspiração’ que elegi, com o intuito de sensibilizar os alunos e de proporcionar um momento lúdico em sala de aula, foi a música Portal, de Jerônimo Jardim, interpretada por Simone Rasslan, no álbum Xaxados e Perdidos, onde também participam os músicos Álvaro Rosacosta e Beto Chedid.

“...ah, no fundo do quintal, a gente lá nem vai, e quando a gente olha do portal, a vida segue a trilha natural, as roupas já são outras no varal e nem nessa saudade a gente é igual...”

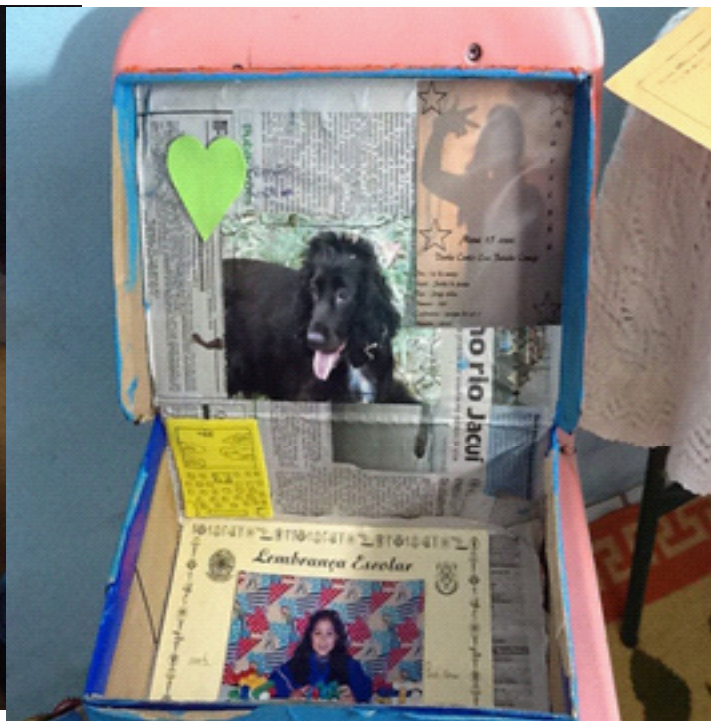
A vida recontada nas paredes de papelão...

Cada aluno ficou responsável por trazer para aula uma caixa de sapatos, de qualquer tamanho.

Retomando, a essa altura tínhamos como material para a construção das caixas de memórias: a lista com os dez itens (as lembranças selecionadas), o desenho autobiográfico da memória mais remota, o poema de Mário Quintana e suas reminiscências, a música Portal e as sensações por ela provocadas e também, um ‘pote de recordações’ (com sorrisos e lágrimas de cada vida ali presente) compartilhado em sala de aula.

Começou então a etapa da elaboração e confecção das ‘caixas de memórias vivas’.

Alguns alunos optaram por trazer seus objetos pessoais para compor o conteúdo das caixas: diários, carrinhos, medalhas, fotos, bonecas, boletins, anel dos quinze anos e cartas conviviam com retalhos de tecido, papéis coloridos, papel pardo, recortes de jornal, tampinhas de garrafa pet, cola glitter, lantejoulas, e.v.a e outros materiais utilizados para recriar a lembrança, bem como adornar de maneira criativa e inusitada, o lado externo da caixa.



Laura cria com tecido e botões o visual de sua caixa.

Interior da Caixa de Memórias da aluna Marcilene.

As listas das lembranças dos alunos ficavam guardadas comigo... Quando necessário, o aluno relia suas escolhas e poderia fazer algumas modificações se achasse necessário. (Visto que o processo de trabalho durou cerca de três meses até o seu término, ou seja, até a semana da exposição).

A leitura das listas não foi tarefa fácil.

Porque para cada item escolhido, o aluno deveria colocar alguma justificativa... Não poderia simplesmente escrever que levaria uma boneca, por exemplo. Tinha que dar alguma razão, precisar que boneca era aquela, porque sua importância/relevância que a faz estar entre os dez itens selecionados, ou seja, situar o leitor/espectador do porquê dessa escolha.

E foi lendo as 'listinhas' de cada aluno que o trabalho tomou uma outra proporção: mudou a configuração de professor-aluno, para cúmplices de uma mesma história. Como se pudéssemos construir, em sala de aula, uma imensa colcha de retalhos, onde o tecido é a própria vida e o que lembramos dela... Ou aquilo que nos permitimos recordar...

Acredito que a leitura dessas listas fez eu 'entender' um pouco mais sobre àquela insatisfação, para não dizer inércia e tristeza, que eu percebia nos alunos... E que de certa maneira, estava mascarada pelas luzes e pelo glamour dos aparelhos tecnológicos utilizados dentro da escola.

No lugar dos jogos eletrônicos contidos nos celulares e 'ovacionados' pelos alunos, que tal brincar de sapata? O quê?! Amarelinha.

Ah bom...

Alguém aqui já brincou de fita? Quem já pescou de noite no arroio ou subiu no telhado para pegar a pipa? Abraço, beijo ou aperto de mão?

Em cada canto uma caixa... Em cada caixa lembranças... Em toda lembrança uma vida...

Após três meses de trabalho, alunos e professora estiveram 'mergulhados', 'instigados' e apaixonados pelo universo mágico e misterioso das recordações. O que faz de mim ser hoje o que sou? Conservo os mesmos gostos, os mesmos hábitos ou reinvento aquilo que outrora fui? E os sonhos? Os desejos? Onde entram nessa 'dança'?

Sou a mulher na criança ou a velha que ri sozinha ao lembrar de sua infância?!

No decorrer do processo de criação, de elementos ('ferramentas metodológicas') que pudessem dialogar de forma mais estreita com o cotidiano dos alunos, propiciando momentos de integração e sensibilização das turmas, percebi que aquele aparente descaso dos alunos com suas próprias vidas, nada mais era do que uma 'urgência' de falar de si, da sua história, das angústias e dúvidas presentes na adolescência, e que, em minha percepção, permeiam a vida como um todo.

Quais são as memórias que não devemos esquecer a fim de que não nos percamos (essencialmente) do nosso ser?

O contato mais próximo com os alunos, com suas lembranças e recordações, propiciou o surgimento de um ambiente seguro e acolhedor, e principalmente, condicionou a todos (alunos e professora) a trabalharem com entusiasmo e paixão.

Sobre a paixão, reitero o que Larrosa diz:

"Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas." (LARROSA, 2002, p.26)

O espaço da sala de aula foi transformado para abrigar a Exposição Memórias.

Construímos diferentes ambientes, pensando qual seria 'o cenário' mais apropriado para acolher as 'protagonistas' da Exposição.

Iluminação especial, com direito a luz azul e abajur delicado, tapetes e brinquedos (representando a década de oitenta), discos de vinil, varal de roupas antigas de bebê, poesias nas paredes, objetos e fotos antigas, pintura no chão, cortinas e música ambiente marcaram presença e construíram 'um terreno fértil e sensível' para receber cada caixa de sapato, ou seja, cada caixa de memórias ou, melhor seria dizer: cada pedaço de uma vida!

A Exposição Memórias permaneceu durante uma semana na escola, aberta ao público escolar, amigos e familiares, com direito a visita guiada e nota no jornal da cidade.



Ambientação da sala de aula.



Objetos 'contam' histórias.

Costurando os fios das lembranças ou Será o contrário a vida da atriz...

Vivenciar esta experiência com os alunos em Gravataí/RS, gerou um verdadeiro fascínio sobre o tema da memória.

Reconhecer que sou feita de ‘retalhos’, de fragmentos de ‘tempo e espaço’, onde deixei, em todas as cidades que já morei, um pedaço de mim numa rua, numa praça, num pátio de colégio, na ponte de ferro estreita onde outrora passava o trem.

O que faz uma determinada imagem não morrer é a lembrança que temos da mesma. O que faz cada cidade ser diferente de outra, além de suas paisagens urbanas ou rurais, além do povo que nela habita, além de sua configuração arquitetônica ou de seus costumes e culturas é a memória contida ‘em suas ruelas...’

Percebo a memória como sinônimo de conteúdo essencial, que constrói a verdadeira identidade do ser, que o torna único e singular e, simultaneamente, o liga (ou religa) aos seus pares.

No ‘prólogo’ desse discurso, essa que vos fala perguntava: qual o papel (importância) da memória (leia-se também subjetividade) para a construção do processo criativo do ator?

Penso no corpo do ator (leia-se corpo/mente) como um imenso reservatório de imagens, de cenas vistas, ouvidas e vividas... Penso nas ‘membranas’ que se formam entre uma memória e um esquecimento, entre uma paixão violenta que arrebatava a alma e te gera ‘uma cicatriz’: invisível, mas impossível de apagar.

Acredito que imprimimos em nossos corpos todas as vozes e os silêncios do ontem... A memória é matéria viva no processo criativo do ator. Ela tem cheiro e tem cor.

Ao ator é pedido que imagine, que seja fiel em recontar emoções.

A capacidade imaginativa se liga, intimamente, ao fluxo das memórias que somos capazes de reter em nossos corpos.

A questão seria: como descobrir estratégias que acionem com frescor e ‘verdade’ essas recordações? Ou também, como fisicalizar, de maneira autêntica e verossímil, as imagens do outrora?

Se fosse possível condensar a vida numa caixa de sapatos, o que vocês guardariam?!

Um botão de rosa, uma carta do pai, o sorriso da filha, a alegria dos reencontros, o caderno de poesias, uma foto da família, o cheiro do pátio de Estância Velha, as brincadeiras da infância, a primeira vez no palco e um santinho de proteção.

Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, 2002.

QUINTANA, Mário. Nariz de Vidro. São Paulo, 2ª edição, 2003.

CD XAXADOS E PERDIDOS (Simone Rasslan, Álvaro Rosacosta, Beto Chedid, letra da música Portal, de Jerônimo Jardim).